

**ABORDAGEM DE QUESTÕES AMBIENTAIS NAS SÉRIES INICIAIS DO
ENSINO FUNDAMENTAL NA PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL
CRÍTICA**

**AN APPROACH OF ENVIRONMENTAL ISSUES IN FIRST ELEMENTARY
EDUCATION SERIES FROM THE PERSPECTIVE OF CRITICAL
ENVIRONMENTAL EDUCATION**

**Leonardo Salvalaio Muline¹, Adriane Gonçalves Gomes², Carlos Roberto Pires Campos³,
Leandro Mattos⁴**

¹IFES/Programa de Pós-Graduação EDUCIMAT, leonardosalvalaio@gmail.com

²IFES/Programa de Pós-Graduação EDUCIMAT, adrianeconcalvesgomes@yahoo.com.br

³IFES/Programa de Pós-Graduação EDUCIMAT, carlosr@ifes.edu.br

⁴IFES/Programa de Pós-Graduação EDUCIMAT, mattoslean@ig.com.br

RESUMO

Atividades escolares que buscam a Educação Ambiental devem ser capazes de melhorar a compreensão do meio ambiente, promovendo tanto mudança de comportamento dos alunos para com seu ambiente quanto suas próprias relações interpessoais. Assim, esta pesquisa buscou aplicar uma sequência didática, baseada nos três momentos pedagógicos propostos por Delizoicov *et al* (2011), para o trabalho dos temas referentes à Educação Ambiental Crítica. As atividades foram desenvolvidas em uma turma do quinto ano do ensino fundamental de uma escola pública do município de Serra (ES). Trata-se de um estudo de práticas pedagógicas, desenvolvido com abordagem qualitativa, construído a partir de observações dos autores dentro de uma perspectiva fenomenológica. De um modo geral, a ação pedagógica auferiu resultados satisfatórios enquanto instrumento motivador do aprendizado, trazendo benefícios na construção, desconstrução e reconstrução dos conhecimentos por parte dos sujeitos da pesquisa, com vistas a romper paradigmas sobre as concepções de meio ambiente.

Palavras chave: Educação ambiental, Sequência didática, Práticas pedagógicas.

ABSTRACT

School activities that seek Environmental Education should be able to improve the understanding of the environment, promoting student's behavior changes concerning to their environment and their own interpersonal relationships. Thus, this research aimed to develop an instructional sequence, based on the three pedagogical moments proposed by Delizoicov *et al* (2011), for the work of issues related to a critical environmental education committed to the students' reality. The activities were implemented in a class of fifth year of Fundamental Municipal School Jonas Farias, located in Serra (ES). This is a study of pedagogical practices, a qualitative approach kind, constructed upon observations of the authors within a phenomenological perspective. In general, the pedagogical action earned satisfactory results while a motivating learning tool, bringing benefits in the construction, deconstruction and reconstruction of knowledge by the students, aiming to break paradigms on the conceptions of environment.

Keywords: Environmental education, Didactic sequence, Teaching practices.

INTRODUÇÃO

O problema ambiental assumiu, em anos recentes, uma centralidade e presença marcantes na nossa vida cotidiana. Habita no concreto de nossas vidas e nas subjetividades individuais e coletivas. Dificilmente vivemos um dia sem registrar uma referência a esta realidade e a seus efeitos abrangentes.

Nesse aspecto, a Educação Ambiental configura-se como uma das vias que contribuem para despertar nos seres humanos, uma percepção consciente tanto do mundo quanto dos problemas oriundos da degradação ambiental. Dessa perspectiva, a Educação Ambiental propõe um enfoque que busca integrar o ser humano a seu meio e se revela não só como uma educação para o meio ambiente, mas como uma educação política, uma educação para a cidadania, uma educação solidária e de respeito às diferentes culturas e nações (TRAZZI, 2001).

O presente estudo partiu, pois, de questionamentos que refletem a crise socioambiental contemporânea. Reflexões assim justificam a necessidade de compreender as possibilidades e os limites de transformar a consciência e os comportamentos individuais, e sociais, no sentido da valorização da vida, das relações sociais e destas com a natureza.

Com isso, estratégias didáticas voltadas para o ensino fundamental, as quais podem despertar no educando o interesse e a participação nas aulas, são pontos chaves para a incorporação de novas atitudes no seu cotidiano. Logo, materiais didático-pedagógicos que auxiliem o educador a trabalhar os temas de Educação Ambiental de maneira lúdica são fundamentais dentro do ambiente escolar.

Este artigo busca propor, e avaliar, uma sequência didática para trabalhar os temas de Educação Ambiental de forma crítica com alunos do ensino fundamental das séries iniciais de uma escola pública do município de Serra (ES). Esses recursos didáticos pretendem auxiliar o educador no despertar do interesse dos educandos sobre o tema, e incentivá-los a perceber que também fazem parte do meio em que vivem e que qualquer alteração nele provocada pode trazer sérios danos para a sobrevivência dos diferentes seres vivos que habitam o planeta.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

No Brasil, a lei número 9597/99, em seu artigo 5º, estabelece os objetivos da PNEA (Plano Nacional de Educação Ambiental), o qual propõe a compreensão integrada do meio ambiente em suas múltiplas, e complexas, relações, a garantia de democratização das informações ambientais e o incentivo ao exercício da cidadania, por

meio da participação individual e coletiva, permanente e responsável. O artigo 7º dessa mesma lei diz que os órgãos e entidades integrantes do Sistema Nacional de Meio Ambiente, as instituições educacionais públicas e privadas dos sistemas de ensino, os órgãos públicos da União, dos estados, do Distrito Federal e dos municípios e as organizações não governamentais com atuação em educação ambiental compõem a esfera de ação da PNEA, com responsabilidades por sua implementação (BRASIL, 1999).

É nesse ponto que entra nossa pesquisa, vez que atuamos no âmbito da educação formal, tratada no capítulo segundo da PNEA. Assim, para desenvolver uma prática pedagógica em diálogo harmonioso com o texto legal, tomaremos, nesta pesquisa, a Educação Ambiental como uma forma abrangente de educação que busca atingir todos os cidadãos, inserindo a variável meio ambiente em suas dimensões física, química, biológica, econômica, política e cultural em todas as disciplinas e em todos os veículos de socialização de conhecimentos.

Vários são os conceitos que o termo meio ambiente recebe, um dos quais é o que o conceitua como o lugar onde todo ser vivo habita. Quando se trata do ser humano, é onde ele habita, trabalha, estuda. No caso, existe uma paisagem cultural. Guimarães (1998) nos remete à criação de uma sociedade consumista de recursos, capitais e bens. Para o autor, a separação entre ser humano e natureza reflete-se em toda a produção humana, em particular no conhecimento produzido por um modelo de sociedade. A própria natureza se transforma em mercadoria, razão de ser do modo de produção capitalista.

Precisamos, portanto, conceituar o termo Educação Ambiental e esclarecer seu campo de significado.

A expressão Educação Ambiental compõe-se de um substantivo e um adjetivo, que envolvem, respectivamente, o campo da Educação e o campo Ambiental. Enquanto o *substantivo* Educação confere a essência do vocábulo “Educação Ambiental”, definindo os próprios fazeres pedagógicos necessários a esta prática educativa, o *adjetivo* ambiental enuncia o contexto desta prática educativa, ou seja, o enquadramento motivador da ação pedagógica (BRASIL, 2004).

Um dos debates que mais aquecem os eventos na área de educação e instigam os pesquisadores é como inserir os temas referentes à Educação Ambiental dentro do contexto escolar brasileiro, de forma que ele não fique reduzido, somente, a uma ideia conservacionista do meio natural, ou até mesmo com um caráter utópico, longe das reais

necessidades que a sociedade contemporânea precisa alcançar. Isso, se desejarmos a formação de cidadãos críticos e conscientes do seu papel dentro do amplo ecossistema.

Reigota (1995) compartilha da ideia de que o entendimento da Educação Ambiental ultrapassa os aspectos ecológicos, para, também, inserir-se em outras vertentes, como a política e a econômica, atentos a toda complexidade que envolve essa temática.

Os alunos, ao serem expostos a atividades com um enfoque mais conservacionista, acadêmico, não conseguem relacionar que também fazem do meio, além disso, ficam com a ideia de que a ciência é para poucos e que somente certas pessoas têm o poder de dominar os conhecimentos científicos, fazendo com que a ciência seja vista como um espaço de alguns escolhidos e longe do grande público.

Podemos também inserir no debate o conceito de eco cidadania, usualmente utilizado, segundo Loureiro (2012), para expressar a inserção de uma nova ética – a ecológica – e seus desdobramentos na vida diária, em um contexto que possibilita a tomada de consciência individual e coletiva das responsabilidades, tanto locais e comunitárias, quanto globais. A construção de tal conceito ganha forma com o desenvolvimento do mundo moderno e da globalização, já que precisamos saber viver harmonicamente com o meio em que habitamos, no intuito de melhorar nossa qualidade de vida e rever nossas atitudes como cidadãos.

A cidadania ecológica e globalizada implica, por isso, a clara noção de direitos, deveres e responsabilidades cívicas (participação qualitativa na definição desses direitos e deveres) na busca de uma sociedade sustentável, o que envolve o plano ideológico-cultural e o político-econômico (LOUREIRO, 2012). Isso está articulado com a necessidade de se alfabetizar cientificamente os nossos jovens, sendo um dos pilares do movimento CTSA (Ciência, Tecnologia, Sociedade e Ambiente) a cidadania, que envolve aspectos relacionados ao direito, ao dever e à participação.

A Educação Ambiental que surge como proposta educativa da consciência das limitações do processo civilizatório moderno deve expressar, fundamentalmente, a contestação do modelo de exploração do ambiente natural e, conseqüentemente, do ambiente social da vida moderna (CASTRO *et al*, 2012). A educação ambiental, na sua complexidade, configura-se como a possibilidade de religar a natureza e a cultura, a sociedade e a natureza, sujeito e objeto. Entretanto, podemos compreender que esse processo ainda caminha para um processo de aprimoramento.

PERCURSO METODOLÓGICO

Trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa que propõe apresentar, e avaliar, uma sequência didática para trabalhar a temática Educação Ambiental. Essa sequência didática é formada por atividades lúdicas de Educação Ambiental, para serem desenvolvidas no ensino fundamental das séries iniciais, por meio de um estudo de caso (LUDKE & ANDRÉ, 1986). Na coleta de dados adotou-se a postura de observação participante, e sistemática das etapas didáticas; na abordagem dos dados para análise dos conteúdos, nos baseamos em Bardin (2004).

A escola escolhida fica localizada no bairro Nova Carapina I, em Serra (ES). Atende a alunos do quinto ano até educandos do nono ano do ensino fundamental. Pertence à rede municipal de ensino de Serra, cidade da região metropolitana da Grande Vitória (ES). Funciona nos turnos matutino, vespertino e noturno. Recebe alunos de diversas classes sociais, predominando crianças de pouco poder econômico. A turma participante possui um total de 29 alunos frequentando regularmente as aulas, sendo que 58,62% dos discentes são do gênero feminino e 41,38% do gênero masculino. A faixa etária dos educandos dessa turma variou dos 10 aos 12 anos de idade.

Foram colhidas observações dos educandos durante a realização das atividades, e a análise da percepção dos alunos sobre a sequência didática ocorreu em uma linha fenomenológica, aqui compreendida como “um procedimento para obter dados que deverão ser analisados e interpretados fenomenologicamente, visando à busca da essência e de sua transcendência, postas em termos textuais” (BICUDO, 1999). Três momentos fundamentam uma investigação fenomenológica: o olhar atento para o mostrar-se do fenômeno, o descrever o fenômeno e o não se deixar levar pelas crenças pré-estabelecidas sobre a realidade do fenômeno (ROJAS *et al.*, 2012).

Na obtenção de dados na investigação fenomenológica são considerados o sujeito da pesquisa e os próprios investigadores. O fenômeno manifesta-se sob diferentes perspectivas e o sujeito descreve o que lhe é percebido como modo de obtenção de dados. Segundo Bicudo (1999), a Fenomenologia trabalha com os dados fornecidos pela descrição e vai além, analisando-os e interpretando-os. Vale ressaltar que todos os responsáveis pelos educandos assinaram um termo de consentimento, autorizando os mesmos a participarem das atividades.

Para trabalhar o temática Educação Ambiental foi desenvolvida uma sequência didática (Tabela 1) com abordagem de ensino sociocultural (com 14 aulas), baseada nos três momentos pedagógicos definidos de acordo com Delizoicov *et al* (2011), que são:

Problematização do tema (P), Organização do conhecimento (O) e Aplicação do conhecimento (A). Lembramos que a avaliação dos educandos foi realizada processualmente, tendo um momento ao final para reflexões e reavaliação da metodologia. A sequência foi desenvolvida durante o mês de novembro de 2012. Para Zabala (1998), as sequências didáticas podem ser definidas como uma série ordenada e articulada que formam as unidades didáticas.

Tabela 1 – Sequência didática para trabalhar a Educação Ambiental.

Número de aulas	Momentos Pedagógicos	Atividades Propostas
5	P	<ul style="list-style-type: none">- Apresentação da proposta de trabalho;- Exibição do filme “<i>Wall-E</i>”;- Entrega e aplicação de um roteiro contendo questões relativas ao filme – atividade de casa;- Debate sobre o filme.
6	O	<ul style="list-style-type: none">- Atividade para os alunos desenharem a sua representação sobre o meio ambiente;- Palestras sobre temas ambientais;- Jogos sobre a Educação Ambiental.
3	A	<ul style="list-style-type: none">- Debate sobre os jogos;- Montagem de um painel com os desenhos sobre o meio ambiente;- Mini Mostra Cultural.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A primeira parte da sequência didática (problematização) aconteceu durante a primeira semana do mês de novembro de 2012 e foi formada por um conjunto de cinco aulas, descritas a seguir. Nessa fase, apresentam-se situações reais que os alunos conhecem e presenciam as quais estão envolvidas no tema (DELIZOICOV *et al*, 2011).

Nas três primeiras aulas, foram realizadas as seguintes atividades: apresentação do pesquisador para a turma (4^aC) e uma preparação com os alunos a respeito da realização do trabalho envolvendo tais questões. As ações realizadas nesse período envolveram discussões sobre a possibilidade de trabalhar um material didático proposto pelas próprias crianças. Incluir o aluno na decisão do material didático que será utilizado nas aulas pode lhe fornecer autonomia no processo de aprendizagem, tornando este mesmo em sujeito de seu processo educativo (FREIRE, 2004). Para tanto, foram

oferecidas várias opções de filmes com a temática em questão para que os alunos escolhessem uma. Foi realizada uma votação e o filme selecionado foi o *Wall-E*.

Em seguida, o filme foi exibido. O principal objetivo desta etapa da sequência foi articular os temas abordados com o cotidiano do educando e fazer com que o próprio aluno fosse conduzido a estruturar relações entre as situações reais e os conhecimentos específicos, além de criar uma motivação ao aprendizado de um novo conhecimento. Os principais assuntos trabalhados foram: a responsabilidade que cada um deveria ter em relação aos resíduos que produz, refletir sobre um consumo mais responsável, o futuro da Terra e da humanidade, os problemas do sedentarismo, as vantagens e as desvantagens das inovações tecnológicas e o conceito de desenvolvimento sustentável.

A preocupação em relacionar a educação com a vida do aluno – seu meio, sua comunidade – não é novidade. Ela vinha crescendo especialmente desde década de 60 no Brasil. Exemplo disso são as atividades com os “estudos do meio” (BRASIL, 2001). Essa expectativa de aproximação das atividades em Educação Ambiental com o cotidiano do aluno é expressa nos Parâmetros Curriculares Nacionais.

Nas aulas 4 e 5, houve um debate sobre o filme, no sentido de iniciar uma discussão sobre a problemática ambiental. Buscamos refletir sobre questões ambientais que estão implícitas e explícitas no filme, mas que demandam maior direcionamento de pensamento. Muitos participaram ativamente e faziam questão de posicionar.

Em seguida, durante a segunda e terceira semanas do mês de novembro de 2012, a parte de organização do conhecimento da sequência didática foi aplicada na turma em questão. Para Delizoicov *et al* (2011), os conhecimentos selecionados como necessários para a compreensão dos temas e da problematização inicial devem ser sistematicamente estudados neste momento, sob orientação do professor.

Nas aulas 6 e 7, os educandos foram convidados a se organizarem em grupos. Cada criança recebeu uma folha de papel ofício para que pudesse expressar, na forma de desenho (Figura 1) como é que ela compreendia o meio ambiente. Essa atividade tinha como principal objetivo perceber o olhar do educando para a questão do meio que o cerca. Muitos fizeram questão de pintar e “caprichar” no desenho, que ficou titulado: “*Como eu enxergo o Meio Ambiente?*” O principal conteúdo abordado nessa etapa foi o conceito de Meio Ambiente.

O ponto determinante no trabalho com o tema Meio Ambiente é contribuir para a formação de cidadãos conscientes, aptos para decidirem e atuarem na realidade socioambiental de um modo comprometido com a vida, com o bem-estar de cada um e

da sociedade, local e global (BRASIL, 2001). Nesse sentido, o fato de o aluno expressar, na forma de um desenho, a sua concepção de Meio Ambiente nos permite assumir que ele é capaz de refletir sobre os problemas ambientais que ele encontra em seu cotidiano, revelando compreender, talvez, as possíveis necessidades do planeta.

Corroborando com essas ideias, Reigota (1995) classifica as representações sociais mais comuns de Meio Ambiente: naturalista, globalizante e antropocêntrica. Para ele:

De forma resumida, a representação social naturalista seria a que mostra evidências apenas de elementos naturais, englobando aspectos físico-químicos, o ar, a água, o solo, os seres vivos (fauna e flora). A representação globalizante mostra a evidência de interações entre os aspectos sociais e naturais. Já a antropocêntrica evidencia a utilidade dos recursos naturais para a sobrevivência dos seres humanos (REIGOTA, 1995).

Ao analisarmos os desenhos produzidos pelos alunos, nesse momento, percebemos que todos eles estão classificados na categoria naturalista. Para identificação das representações sociais dos alunos de meio ambiente, pode-se utilizar a análise do discurso escrito, interpretação de imagens, análise de textos de jornais e revistas, discussões coletivas, entre outros (TRIVELATO e SILVA, 2011). A figura 1 é reveladora do modo como a natureza se apresenta para os alunos, como algo intocável, como uma moldura artística.



Figura 1: Desenho sobre o Meio Ambiente produzido pelos alunos.

Na aula 8, foi realizada uma atividade para esclarecer para a turma algumas questões importantes sobre a temática ambiental. Na verdade, chamamos o momento de palestra, mas foi uma discussão informal, em que usamos vídeos e imagens para ilustrar alguns problemas ambientais que afetam a sociedade contemporânea, tais como: poluição do ar, crise energética, sujeira das ruas, coleta seletiva de lixo, economia de água, entre outros. Houve uma grande interação dos educandos durante a realização da tarefa, com vários questionamentos e dúvidas, principalmente relacionadas ao bairro em que a escola se localiza. Essa atividade foi inserida no roteiro proposto porque configurava-se como um momento importante para consolidar teoricamente alguns conceitos essenciais sobre a temática.

As três aulas (8 9 e 10) seguintes foram as mais aguardadas pelos alunos, os quais, durante quase uma tarde inteira, puderam aprender brincando sobre as temáticas

relacionadas à Educação Ambiental. Nosso objetivo foi levar, de forma lúdica, questões atuais sobre a compreensão e o posicionamento em face do meio ambiente, atraindo, logicamente, a atenção dos alunos. Para isso, selecionamos uma série de jogos, confeccionados com materiais simples, e reciclados, por alunos de um curso técnico em Meio Ambiente de uma Escola Estadual de Viana (ES), para aplicarmos com a turma selecionada. Os educandos se divertiram e puderam relacionar os conteúdos aprendidos, até então, com questões da atualidade sobre o Meio Ambiente. Percebemos, pelas falas e pela empolgação dos alunos, que esse foi um momento significativo para a aprendizagem, visto que os materiais utilizados para a confecção dos brinquedos eram objetos simples e de baixo custo. Foram seis grupos formados, com diferentes quantidades de alunos. Cada equipe recebeu um jogo diferente e, posteriormente, houve um rodízio para que todos pudessem jogar todos os jogos, que eram os seguintes: “Quem sou eu ecológico?”, EcoGame – Trilha (figura 2), Jogo da memória I, Jogo da memória II, Jogo da memória III e Jogo de perguntas e respostas.

Materiais didático-pedagógicos que auxiliem o educador a trabalhar os temas de Educação Ambiental de maneira lúdica são fundamentais dentro do ambiente escolar. Para Silva (2008), os jogos didáticos possuem uma função importante no processo educacional. Os principais conteúdos abordados com os jogos foram: preservação do ambiente, coleta seletiva, animais ameaçados de extinção no Estado do Espírito Santo, lixo, entre outros.

Trivelato e Silva (2011) atestam que uma das características das atividades lúdicas é a voluntariedade; isso porque a participação deve ser uma decisão própria, que prescinde de qualquer outra recompensa além da própria participação. Completam ainda, que:

Jogos e brincadeiras costumam ter essa característica; a própria dinâmica do jogo é, em si mesma, convidativa. Quando não há a decisão voluntária de participar, qualquer atividade perde seu caráter lúdico, pois ninguém considera prazerosa uma atividade realizada à custa de algum tipo de coerção (TRIVELATO e SILVA, 2011).

Na Educação Ambiental, o professor pode lançar mão e vislumbrar vários tipos de jogos educacionais para o trabalho dessa temática, já que eles podem ser criados visando a estimular certas habilidades e a construção de significados.



Figura 2: Jogo do EcoGame, um dos exemplos dos jogos utilizados nas aulas.

Finalmente, selecionamos 3 aulas para formar o que Delizoicov *et al* (2011) denominam de aplicação do conhecimento para as sequências didáticas. Para esse autor, essa etapa destina-se, sobretudo, a abordar sistematicamente o conhecimento que vem sendo incorporado pelo aluno, para analisar e interpretar tanto as situações iniciais que determinaram seu estudo como outras situações que podem ser compreendidas pelo mesmo conhecimento. Nessa fase, buscamos compreender como o aluno se apropriou dos conhecimentos adquiridos e trabalhados durante as atividades, ou seja, procuramos identificar se ele conseguiu aplicar em sua vida cotidiana os assuntos que foram abordados durante o processo. Tal fase não tem o intuito de medir e quantificar o quanto o educando aprendeu, mas observar a sua postura diante da realidade proposta, relacionadas às questões da Educação Ambiental.

Durante aula de número 12, foi realizado um pequeno debate com a turma para entender como os discentes receberam os jogos educativos, nas aulas anteriores. Observamos, a partir dos depoimentos e das gesticulações dos mesmos, que eles perceberam a importância da utilização dessas atividades quando os temas relacionados à Educação Ambiental fazem parte do currículo de uma turma. Foram unânimes em dizer que a aula fica mais agradável, mais interessante e a troca de informações com os colegas facilita a aprendizagem, além de estimular o trabalho em equipe. Na verdade, eles propuseram que para cada conteúdo trabalhado, independentemente da disciplina, eles gostariam de ter atividades desse tipo para enriquecer o aprendizado.

Para terminar os trabalhos (aulas 13 e 14), montamos um painel com os desenhos feitos pelos alunos na aula 7. Após o término das atividades, um grande painel foi colocado na parede em frente à sala de aula da turma participante do projeto, para exposição. Fizemos, nesse dia, uma mini Mostra Cultural, em que alunos de outras séries puderam ter a chance de apreciar os trabalhos desenvolvidos. Como tínhamos pouco espaço, resolvemos montar um grande painel somente para a turma inteira. Portanto, pedimos aos educandos para irem se revezando durante a aula no intuito de cada um participar um pouco da explicação da atividade para os outros colegas.

Percebemos que os discentes tiveram bastante interesse na realização da atividade e se sentiram parte do processo, o que consideramos de grande relevância para a questão do ensino e da aprendizagem.

Esse momento de contemplação do conhecimento construído dialoga com Loureiro (2009) que nos faz pensar que a prática pedagógica voltada para a abordagem das questões ambientais, inspirada numa abordagem interdisciplinar, deve proporcionar ao educando, por meio de uma contextualização com o real, a construção de um saber que possibilite compreender o mundo em que vive e refletir acerca das interferências do ser humano sobre ele.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Elaboramos uma sequência de atividades para trabalhar a Educação Ambiental com alunos do ensino fundamental com o objetivo de ampliar sua concepção de meio ambiente, despertando-lhes a perspectiva multidimensional, que considera natureza como um sistema complexo, resultante da interação entre fatores diversos como os biológicos, físicos, químicos, culturais, históricos, políticos, econômicos, numa configuração em constante mudança. O objetivo era sensibilizar o educando, levando-o a valorizar o seu meio-ambiente.

Quanto aos objetivos fixados, temos ciência de que conseguimos destacar a necessidade de se trabalhar a Educação Ambiental de forma crítica e comprometida com a realidade do aluno e, ainda, com atividades que instiguem no educando a participação e o senso de pertencimento, quando empreendemos, principalmente, a tarde de jogos e as palestras para os debates dos temas relevantes na atualidade sobre a questão proposta.

No que se refere ao comportamento dos alunos, percebemos que os mesmos ficaram empolgados com as atividades e preocupados com o futuro do nosso planeta, isso foi atingido quando fizemos o debate sobre os problemas ambientais e discutimos o filme.

A mudança para um mundo mais sustentável só será possível se perpassada pela escola, e esta precisa de urgentes mudanças no âmbito de formação inicial e continuada de professores, mudanças no currículo, desenvolvimento de novos materiais de ensino, entre outros, que, associados à inserção de novas metodologias poderão, aos poucos, fomentar nas escolas uma Educação Ambiental significativa, evitando seu reducionismo, evitando os discursos midiáticos e o modismo dos temas ecológicos. A Educação Ambiental que buscamos fundamenta-se nos pressupostos que defendem a

mudança de comportamento, que busquem transformar as atitudes de preservação do meio ambiente em prática social, contribuindo para a construção de uma identidade cultural ecológica do discente, de forma que este já não consiga mais dissociar as práticas de educação ambiental do seu dia a dia.

REFERÊNCIAS

- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**, 3ª. Edição, Lisboa: Edições 70, 2004.
- BICUDO, M. A. V. A contribuição da fenomenologia à educação. In: BICUDO, M. A. V.; CAPPELLETTI, I. F. (Org.) **Fenomenologia: uma visão abrangente da educação**. São Paulo: Olho d'Água, 1999.
- BRASIL. **Lei nº 9.795, de 27 de abril de 1999. Dispõe sobre a educação ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências**. Brasília, DF: Senado Federal, 1999.
- BRASIL, **Ministério da Educação o do Desporto. Parâmetros Curriculares Nacionais: Temas transversais**. Brasília: MEC/SEF, 2001
- BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. Diretoria de Educação Ambiental. **Identidades da educação ambiental brasileira**. Brasília: MMA, 2004.
- CASTRO, R. S.; SPAZZIANI, M. L.; SANTOS, E. P. Universidade, meio ambiente e parâmetros curriculares nacionais. In: **Sociedade e meio ambiente: a educação ambiental em debate**. Loureiro C. F. B.; Layrargues P. P.; Castro, R. S. (org.). 7ª edição – São Paulo, 2012.
- DELIZOICOV, D; ANGOTTI, J. A. PERNAMBUCO M.M. **Ensino de Ciências: Fundamentos e Métodos**. 4ª edição. São Paulo: Cortez, 2011.
- FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 39 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004.
- GUIMARÃES, M. **A dimensão ambiental na educação**. 2ª ed. São Paulo: Papyrus, 1998.
- LOUREIRO, C. F. B. **Trajetória e Fundamentos da Educação Ambiental**. São Paulo: Cortez, 2009.
- LOUREIRO, C. F. B. Teoria social e questão ambiental. In: **Sociedade e meio ambiente: a educação ambiental em debate**. Loureiro C. F. B.; Layrargues P. P.; Castro, R. S. (org.). 7ª edição – São Paulo, 2012.
- LÜDKE, M. e ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.
- REIGOTA, M. **O que é educação ambiental**. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- ROJAS, J.; BARUKI, R.F.; SOUZA, R. S.E. **Fenomenologia e rigor na pesquisa educacional: a experiência da UFMS**. Anais do IV SIPQ, 2012.
- SILVA, R M. L. **Ciência Lúdica: Brincando e aprendendo com jogos sobre ciências**. Salvador: Edufbar, 2008.
- TRAZZI, P. S. da S. **A Educação Ambiental em questão: percepções/concepções de alunos dos cursos de Ciências Biológicas e Geografia da Universidade Federal do Espírito Santo**. Dissertação de Mestrado. Vitória, 2001.
- TRIVELATO, S. F; SILVA, R. L. F. **Ensino de Ciências**. São Paulo: Cengage Learning, 2011.
- ZABALA, A. **A prática educativa: como ensinar**. Porto Alegre: ArtMed, 1ª Edição, 1998.